ISSN: 2358-8829

QUANDO A ESCRITA DAS CRIANÇAS COMPÕE O ESPAÇO: LINGUAGEM, IDENTIDADE E PROTAGONISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vanessa Herculina de Sobral Souza[1]
Luciana Angela Schneider[2]

INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil, a escrita pode assumir sentidos que ultrapassam a aprendizagem de suas convenções. Quando circula em placas, nomes, calendários, recados, combinados e produções que integram a vida cotidiana, ela aproxima as crianças de práticas sociais de comunicação e lhes oferece possibilidades de registrar, nomear, organizar e interpretar experiências. Partimos da compreensão de que essas marcas adquirem outras dimensões quando deixam de permanecer restritas a uma folha ou a uma proposta pontual e passam a compor os espaços da escola, tornando visíveis ideias, escolhas e formas de participação das crianças.

Essa perspectiva exige distinguir a presença da cultura escrita de práticas orientadas à antecipação da alfabetização. A Base Nacional Comum Curricular reconhece que as crianças observam textos que circulam nos contextos familiar, comunitário e escolar, constroem concepções sobre a língua escrita e reconhecem seus usos sociais. Também assegura direitos de participar das escolhas de materiais e ambientes, explorar e expressar-se por diferentes linguagens e construir identidades nas experiências vividas na instituição (Brasil, 2018). Nessa direção, interessamo-nos menos pela convencionalidade das escritas e mais pelos sentidos que elas produzem quando são utilizadas, compartilhadas e incorporadas ao ambiente.

O Referencial Curricular Gaúcho reforça que a aproximação com a cultura escrita deve ocorrer por meio de práticas sociais nas quais ler e escrever exerçam funções diversas, sem atribuir à Educação Infantil o compromisso de antecipar a alfabetização (Rio Grande do Sul, 2018). No território de Erechim, o Documento Orientador do Território Municipal de Erechim (DOTME) prevê a participação das crianças na construção de listas, recados, murais e sinalizações, por meio de desenhos e escritas, e reconhece sua participação na organização dos espaços, materiais e combinados (Erechim, 2021). Esses documentos nos ajudam a

1 Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professora da EMEI Maria Clara, Erechim – RS, vanessa.souza@edu.erechim.rs.gov.br.

2 Especialista em Psicopedagogia e Gestão Escolar pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL). Diretora da EMEI Maria Clara, Erechim – RS, luciana.schneider@erechim.rs.gov.br.

compreender a escrita como experiência cultural que pode integrar o cotidiano sem reduzir a infância ao treino do código.

A experiência educativa de Reggio Emilia também contribui para essa compreensão. Edwards, Gandini e Forman (2016), em diálogo com o pensamento de Loris Malaguzzi, apresentam uma perspectiva que reconhece a criança como competente, criativa e capaz de expressar-se por múltiplas linguagens. Nessa abordagem, o ambiente participa das relações educativas: sua organização, seus materiais e aquilo que torna visível comunicam concepções de infância. Quando as produções das crianças ocupam paredes, portas, estantes e espaços de circulação, o ambiente deixa de ser organizado apenas para elas e passa, em alguma medida, a ser construído com elas.

Foi dessa relação entre escrita, criança e ambiente que emergiu a questão orientadora da pesquisa: de que modo a presença e o uso da escrita das crianças nos espaços da Escola Municipal de Educação Infantil Maria Clara contribuem para que elas sejam reconhecidas como participantes e autoras do ambiente escolar? Diante disso, temos como objetivo registrar e analisar evidências de como a presença da escrita das crianças compõe os sentidos atribuídos ao ambiente escolar, indicando de que maneira sua produção, circulação e utilização nos espaços podem expressar protagonismo, identidade e pertencimento.

Desenvolvemos um estudo de caso de abordagem qualitativa, com produção de dados iniciada em fevereiro de 2026, por meio de observação participante, registros fotográficos e análise documental. O material é interpretado com apoio da análise de conteúdo. As evidências examinadas foram organizadas em quatro eixos: escrita que nomeia e organiza; escrita que participa da vida coletiva; escrita em relação com outras linguagens; e ambiente como espaço de autoria e pertencimento. A análise considera também a identidade pedagógica da instituição, orientada pela Biofilia — Amor pela Vida — e, em 2026, pelo tema “Aqui, os corações batem no ritmo da Terra”.

METODOLOGIA

Tendo em vista a natureza do objeto, optamos por uma pesquisa qualitativa, delineada como estudo de caso. Essa escolha justifica-se pelo interesse em compreender significados produzidos em um contexto específico, acompanhando relações que não podem ser reduzidas à frequência com que determinada escrita aparece. Prodanov e Freitas (2013) assinalam que, na pesquisa qualitativa, o ambiente natural constitui fonte direta dos dados, o pesquisador mantém contato com o objeto e a interpretação dos fenômenos ocupa lugar central. O estudo de caso, por

sua vez, favorece a compreensão aprofundada de fenômenos contemporâneos inseridos em situações da vida real (Prodanov; Freitas, 2013).

A pesquisa é desenvolvida na Escola Municipal de Educação Infantil Maria Clara, localizada no Bairro Maria Clara, em Erechim, Rio Grande do Sul. Fundada em 2023, a instituição atende atualmente 221 crianças, do Berçário I ao Pré B, com idades entre zero e cinco anos e onze meses, distribuídas em diferentes turmas e modalidades de atendimento. A caracterização do campo não se limita aos dados de identificação, pois consideramos que as concepções assumidas pela instituição repercutem na organização dos tempos, espaços, materiais, relações e experiências que constituem o cotidiano educativo.

A proposta pedagógica da EMEI Maria Clara reconhece cada criança como potente, curiosa, criativa e protagonista de suas descobertas. A escuta, o brincar, as relações, a investigação e a construção de aprendizagens significativas a partir das experiências cotidianas orientam as práticas. A Biofilia, compreendida como Amor pela Vida, expressa a perspectiva de que não estamos separados da natureza, mas somos parte dela. Em 2026, essa identidade é aprofundada pelo tema “Aqui, os corações batem no ritmo da Terra”, que convida a valorizar uma infância com tempo para brincar, explorar, sentir, observar e se encantar com o que é vivo. As experiências acontecem dentro e fora da escola, buscando promover pertencimento, cuidado, sensibilidade e respeito à vida.

O corpus reúne placas, comunicados, cartazes, recados, sinalizações, identificações de materiais, calendários, combinados, produções expostas, desenhos, pinturas, montagens, fotografias e outros registros que se articulam à escrita. Para a análise apresentada neste artigo, selecionamos registros que evidenciam situações de produção, uso, exposição ou integração da escrita aos ambientes. O recorte considerou a presença explícita de escrita ou tentativa de escrita; sua relação com a organização de espaços, materiais ou situações cotidianas; a participação das crianças em sua produção, escolha, uso ou apropriação; e a articulação com outras linguagens e com a identidade pedagógica da instituição.

A observação participante acompanha o cotidiano desde fevereiro de 2026. Gil (2008) define essa modalidade como aquela em que o observador participa da vida do grupo e conhece a situação a partir de seu interior. Neste estudo, trata-se de observação participante natural, pois as pesquisadoras integram profissionalmente a instituição. Voltamos nosso olhar para momentos em que as crianças produzem escritas, participam de registros, utilizam materiais escritos, reconhecem produções ou se relacionam com inscrições que organizam a rotina. As anotações e fotografias conservam elementos do contexto e da disposição das produções, sem transformar o registro em finalidade da experiência.

ISSN: 2358-8829

A análise documental incide sobre as produções materializadas nos ambientes, enquanto a análise de conteúdo orienta o tratamento interpretativo. Gil (2002, 2008) organiza esse procedimento em pré-análise, exploração do material e tratamento, inferência e interpretação. Na pré-análise, realizamos a leitura inicial e a seleção dos registros relacionados ao problema. Na exploração, agrupamos evidências por aproximações de sentido e pelos usos da escrita. No tratamento e na interpretação, relacionamos as recorrências ao referencial teórico e aos documentos curriculares. Desse percurso resultaram quatro eixos analíticos, mantidos como categorias interpretativas que podem ser revistas à medida que a investigação avance.

Em relação às questões éticas, preservamos a identificação individual das crianças e não utilizamos seus nomes na descrição dos registros. As fotografias são tratadas como dados de pesquisa, e não como ilustração. Como o CONEDU 2026, em suas regras para a composição do artigo, não permite figuras na seção Resultados e Discussão, as imagens não são reproduzidas no corpo do trabalho; descrevemos apenas os elementos necessários à análise.

REFERENCIAL TEÓRICO

Criança participante e múltiplas linguagens

Com a intenção de compreender o que significa reconhecer a escrita das crianças como parte do ambiente, tomamos como ponto de partida uma concepção de criança que não a reduz à condição de receptora. A BNCC a compreende como sujeito que observa, questiona, levanta hipóteses e constrói conhecimentos por meio da ação e das interações (Brasil, 2018). Seus direitos de aprendizagem reforçam essa posição ao assegurar participação nas escolhas relativas a brincadeiras, materiais e ambientes, exploração e expressão por diferentes linguagens. O DOTME aproxima essa orientação do território ao relacionar o direito de participar ao reconhecimento das crianças como sujeitos da organização do planejamento pedagógico (Erechim, 2021).

O Referencial Curricular Gaúcho compreende as linguagens como formas diversas de representação e expressão, incluindo oralidade, sonoridades, escrita, imagens, desenhos, gestos e expressões corporais (Rio Grande do Sul, 2018). A experiência de Reggio Emilia aprofunda essa perspectiva ao reconhecer múltiplas possibilidades infantis de pensar e comunicar, sintetizadas pela imagem das cem linguagens associada a Loris Malaguzzi (Edwards; Gandini; Forman, 2016). Para este estudo, essa compreensão impede que a escrita seja hierarquizada ou tomada como única forma legítima de expressão: ela é uma linguagem entre outras e pode dialogar com desenhos, fotografias, objetos, elementos naturais e diferentes materialidades.

A partir disso, compreendemos o protagonismo não como ausência do adulto, mas como uma relação pedagógica na qual as crianças encontram possibilidades concretas de participar, produzir sentidos e deixar marcas de suas decisões. O adulto permanece responsável pela intencionalidade educativa e pela organização dos contextos, sem precisar ocupar sozinho os lugares de autoria. Essa compreensão é relevante para a análise porque a presença de uma inscrição no ambiente, isoladamente, não permite concluir quem a produziu ou quanto as crianças participaram de sua escolha e de seu uso.

A escrita como prática social na Educação Infantil

A presença de palavras, calendários ou produções gráficas não é, por si só, garantia de uma prática coerente com a Educação Infantil. O sentido depende do modo como esses registros aparecem e das relações que estabelecem com a vida do grupo. Podem funcionar como exercícios descontextualizados ou emergir de necessidades de comunicação, memória, organização e expressão. A BNCC afirma que as crianças constroem concepções sobre a língua escrita ao observar os textos que circulam socialmente (Brasil, 2018), enquanto o Referencial Curricular Gaúcho salienta que a Educação Infantil não tem compromisso com uma proposta de alfabetização antecipada e deve favorecer práticas sociais de leitura e escrita (Rio Grande do Sul, 2018).

O DOTME oferece exemplos diretamente relacionados ao campo: prevê a participação das crianças na construção de listas, recados, murais e sinalizações, o contato com calendários e diferentes suportes e a produção de rabiscos, garatujas, símbolos, letras e palavras com intenção de comunicar (Erechim, 2021). Nessa perspectiva, não tomamos a convencionalidade ortográfica como critério de valor. Interessa-nos quando a escrita identifica um lugar, marca uma data, comunica um combinado ou permanece exposta como memória de uma experiência, encontrando interlocutores reais. O foco desloca-se da correção formal para as funções sociais que a escrita assume no cotidiano e para as oportunidades de participação que sua produção e seu uso oferecem às crianças.

A autoria, portanto, não se restringe ao ato individual de grafar uma palavra. Pode estar na escolha do que registrar, na participação em uma escrita coletiva, no desenho que acompanha um enunciado, no local de exposição ou na apropriação cotidiana de uma inscrição. Trata-se de uma autoria construída nas relações entre ação infantil, mediação adulta e vida coletiva. Para reconhecer essa participação, precisamos observar os processos e os usos, evitando atribuir automaticamente às crianças todas as produções expostas no espaço escolar.

Ambiente, identidade e pertencimento

Se a escrita ganha sentido em seus usos, o lugar em que permanece participa desse significado. Na experiência de Reggio Emilia, o ambiente é compreendido como componente ativo das relações educativas e capaz de comunicar escolhas e concepções sobre a criança (Edwards; Gandini; Forman, 2016). O Referencial Curricular Gaúcho orienta reflexões sobre ambientes, espaços, materiais e práticas, enquanto o DOTME afirma que as crianças, além de habitar os espaços, precisam participar de sua organização e planejamento (Rio Grande do Sul, 2018; Erechim, 2021).

Quando paredes, portas e estantes apresentam somente materiais produzidos por adultos, comunicam uma determinada distribuição de autoria. Quando produções infantis permanecem nesses lugares e exercem funções reais, o ambiente começa a registrar a história do grupo. Na EMEI Maria Clara, essa dimensão dialoga com a Biofilia e com o tema de 2026, “Aqui, os corações batem no ritmo da Terra”: elementos naturais, espaços de exploração e experiências de cuidado compõem a identidade pedagógica da instituição. A escrita insere-se nesse contexto e pode tornar visível a participação das crianças na construção de um ambiente que expressa relações com a natureza, com os outros e consigo mesmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura dos registros fotográficos e das anotações permitiu organizar quatro categorias articuladas. Não buscamos quantificar ocorrências, mas compreender os modos como a escrita é produzida, utilizada e incorporada aos ambientes. Consideramos tanto situações de autoria gráfica direta quanto aquelas em que a criança participa do uso ou da significação de registros produzidos em interação com os adultos. Essa distinção evita inferir protagonismo apenas pela aparência da letra e permite relacionar produção, função, circulação e permanência. As categorias são interpretativas e dizem respeito ao conjunto de evidências analisadas, não a uma generalização sobre todas as experiências da instituição.

A escrita que nomeia e organiza: marcas de autoria

Um primeiro conjunto de registros evidencia a escrita na nomeação e na organização dos ambientes. Em algumas fotografias, crianças aparecem produzindo palavras em tiras de papel destinadas à identificação de espaços ou materiais. Mãos, marcadores e papel tornam visível um processo em que a placa não surge apenas para decorar: ela responde a uma necessidade de nomeação e, posteriormente, pode orientar outras pessoas. Nesses casos, a escrita assume uma função comunicativa e sua permanência no espaço amplia a circulação do que foi produzido.

ISSN: 2358-8829

Outros registros mostram inscrições já integradas ao ambiente, como “ATELIÊ DA NATUREZA”, em um espaço coletivo de explorações e produções; “COZINHA” e “REFEITÓRIO”, que identificam lugares da rotina; e placas como “PARQUE INTERNO”, “SALA DE APOIO”, “SALA DE ACOLHIMENTO”, “SECRETARIA”, “BANHEIRO INFANTIL FEMININO” e “SALA DE MÚLTIPLAS”. Em uma das salas de referência, o recipiente identificado como “TONEL DOS BRINQUEDOS” e as etiquetas “CASINHA”, “CABANA”, “COZINHA”, “ESCRITÓRIO”, “JOGOS”, “LIVROS”, “PEÇAS DE MONTAR”, “BRINQUEDOS” e “CONSTRUÇÃO” contribuem para identificar e organizar materiais.

O conjunto evidencia a presença recorrente da escrita como recurso de organização, em diálogo com situações nas quais as crianças participam de sua produção, escolha ou utilização. Essa configuração aproxima-se do DOTME, que prevê a participação infantil na construção de sinalizações e na organização dos espaços e materiais (Erechim, 2021).

A autoria amplia-se quando o registro permanece visível e funcional. A palavra escrita passa a circular, ser reconhecida e utilizada em outros momentos. Aquilo que foi produzido pela criança ou construído com sua participação torna-se parte da paisagem cotidiana, constituindo um indício de transformação do espaço ocupado em espaço também construído por ela.

A escrita na vida coletiva: rotina, comunicação e combinados

A segunda categoria reúne registros em que a escrita organiza a vida coletiva. No “CALENDÁRIO” da turma, por exemplo, a criança manipula os números do mês diante de palavras e datas que ajudam o grupo a localizar-se no tempo. O valor dessa experiência não está apenas no reconhecimento de numerais, mas em utilizar o calendário para acompanhar o mês, organizar acontecimentos e participar da rotina. O DOTME prevê a participação na organização da jornada diária com auxílio da escrita e do calendário (Erechim, 2021). Já painel de “ANIVERSARIANTES” produz movimento semelhante ao articular fotografias, meses e datas, relacionando escrita, memória e pertencimento. Por meio dele, cada criança pode reconhecer-se e acompanhar acontecimentos importantes de sua história e da história dos colegas.

O painel “COMBINADOS DA TURMA” torna ainda mais visível a relação entre escrita e participação. Ele reúne desenhos e enunciados como “DIA DO BRINQUEDO – SEXTA-FEIRA”, “NÃO GRITAR”, “CUIDAR DA NATUREZA”, “CUIDAR DA ESCOLA” e “NÃO CORRER NA SALA”. Mais do que somente a grafia, interessa-nos o fato de que os acordos ganham uma forma material que pode ser retomada pelo grupo e orientar a convivência cotidiana. Para que esse registro expresse participação, é relevante que as crianças possam

compreender os combinados, contribuir para sua elaboração e revisitar seus sentidos, em vez de apenas receber regras definidas pelos adultos. A BNCC assegura a participação nas atividades da vida cotidiana, e o DOTME propõe a participação das crianças na criação e apropriação dos combinados (Brasil, 2018; Erechim, 2021).

Esses registros mostram a escrita em funções concretas: lembrar, organizar, informar, combinar e localizar. Tal movimento aproxima-se da BNCC e do Referencial Curricular Gaúcho, que situam a criança na cultura escrita por meio de práticas que circulam socialmente (Brasil, 2018; Rio Grande do Sul, 2018). A escrita participa, assim, da organização da vida coletiva quando ajuda a tornar compartilhadas informações e decisões que podem ser retomadas no cotidiano.

A escrita em relação com outras linguagens

Um terceiro movimento diz respeito à relação entre escrita e outras linguagens. Nos registros, palavras convivem com fotografias, desenhos, pinturas, elementos naturais e diferentes suportes. No painel de combinados, cada enunciado aparece associado a um desenho; em outro espaço, uma cesta identificada como “DESENHO” reúne produções infantis com nomes e representações gráficas. A escrita participa da experiência sem ocupar sozinha o lugar da expressão, aproximando-se da compreensão de múltiplas linguagens presente no Referencial Curricular Gaúcho e na experiência de Reggio Emilia (Rio Grande do Sul, 2018; Edwards; Gandini; Forman, 2016).

O painel de aniversariantes articula fotografia, datas e palavras, registrando quem faz parte do grupo e situando histórias pessoais em uma organização temporal compartilhada. O direito de conhecer-se, previsto na BNCC, envolve a construção da identidade nas experiências vividas na instituição (Brasil, 2018). Também o alfabeto composto com sementes, folhas e outros elementos naturais aproxima escrita e identidade pedagógica da escola. Não o tomamos isoladamente como evidência de protagonismo; sua relevância está na articulação com outras marcas do ambiente, com a participação da família em sua feitura e com a valorização institucional da natureza, coerente com a Biofilia e com o tema de 2026. Essa aproximação permite compreender que a cultura escrita pode integrar experiências sensoriais e investigativas, sem se sobrepor às relações das crianças com as materialidades naturais.

A análise permite considerar que a escrita ganha potência quando não apaga as demais linguagens. As crianças escrevem, desenham, observam, organizam e compõem; seus registros podem reunir formas diversas de expressão porque aquilo que desejam comunicar não se reduz a uma única linguagem. A relação entre escrita, imagem e elementos naturais também evidencia

que a identidade da escola se constrói por meio da articulação entre concepções pedagógicas e experiências cotidianas.

Do espaço habitado ao espaço construído: pertencimento e protagonismo

A quarta categoria reúne as anteriores e nos permite voltar à questão central. Na entrada de uma sala, inscrições infantis em pequenas placas, fotografias, folhas, galhos e produções identificam ambientes e marcam o lugar com referências do grupo; no pátio central da escola, em um espaço coletivo, a placa “ATELIÊ DA NATUREZA” encontra-se entre troncos, plantas e materiais disponíveis à exploração. Esses registros mostram que o ambiente não é constituído apenas por paredes e mobiliários: ele comunica histórias, escolhas e modos de viver a escola. Na EMEI Maria Clara, essa composição dialoga com a proposta de Biofilia e com o convite expresso no tema “Aqui, os corações batem no ritmo da Terra”, pois os espaços tornam-se contextos de encontro entre linguagem, natureza e convivência.

O DOTME afirma que as crianças precisam participar da organização e do planejamento dos espaços (Erechim, 2021), enquanto a experiência de Reggio Emilia possibilita compreender o ambiente como dimensão pedagógica que torna visíveis processos e produções (Edwards; Gandini; Forman, 2016). No corpus, a escrita materializa formas de participação ao registrar decisões, nomear lugares, conservar combinados, situar datas, identificar objetos, identificar espaços e organizar partes da rotina. Ao permanecer, transforma ações momentâneas em referências coletivas e pode permitir que as crianças reconheçam suas experiências na organização cotidiana da escola.

O pertencimento, nessa perspectiva, não decorre apenas de frequentar a instituição. Pode ser construído pela possibilidade de reconhecer algo de si no espaço: uma fotografia, um desenho, uma escrita, um combinado ou uma placa cuja produção acompanhou ou participou. Isso não significa afirmar que qualquer exposição de trabalho infantil produza protagonismo. Uma parede pode continuar adultocentrada se as crianças não participam das decisões sobre o que registrar, como apresentar suas produções ou quando retomá-las. Os registros analisados, contudo, apontam para situações nas quais a escrita possui função e é produzida ou apropriada pelas crianças, permitindo-nos interpretá-la como uma dimensão de sua participação.

Também identificamos uma tensão que precisa ser preservada: os ambientes são organizados por adultos, que selecionam materiais, oferecem suportes e escrevem quando as crianças necessitam de escriba. O protagonismo não elimina essa mediação. O desafio está em fazer com que a intervenção adulta amplie possibilidades de participação e não substitua a iniciativa infantil. Quando a escrita é tratada como linguagem social e as produções das crianças

ISSN: 2358-8829

encontram lugar de permanência, o espaço físico pode transformar-se em território simbólico e pedagógico no qual elas deixam marcas de suas experiências, reconhecem-se como parte do grupo e participam da construção da identidade institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos o objetivo da pesquisa, compreendemos que os registros analisados permitem deslocar a escrita para além de sua dimensão técnica. Na EMEI Maria Clara, ela aparece vinculada a ações concretas: nomear, organizar, combinar, localizar, lembrar, comunicar e participar. É essa inserção na vida cotidiana que possibilita às crianças reconhecerem a escrita como linguagem capaz de produzir efeitos no mundo social. A análise também evidencia que o ambiente escolar comunica concepções de infância por meio dos materiais que disponibiliza, das produções que torna visíveis e das oportunidades que oferece para a participação infantil.

As categorias construídas indicam que a autoria infantil não se limita ao ato individual de grafar uma palavra. Ela também pode manifestar-se na participação em registros coletivos, no uso das sinalizações, na articulação entre escrita e desenho, na apropriação de calendários e painéis e na permanência das produções nos espaços. Ao mesmo tempo, mantivemos prudência para não atribuir às crianças a autoria direta de todas as inscrições. O protagonismo aparece menos como propriedade de um produto e mais como qualidade das relações de produção, mediação, uso e reconhecimento.

O diálogo com a BNCC, o Referencial Curricular Gaúcho e o DOTME evidencia aproximações entre os registros e as orientações que reconhecem a criança como sujeito participante e defendem experiências socialmente significativas com a leitura e a escrita (Brasil, 2018; Rio Grande do Sul, 2018; Erechim, 2021). Aproximar as crianças da cultura escrita, nessa perspectiva, não significa antecipar a alfabetização, mas oferecer contextos nos quais escrever tenha interlocutores, finalidades e efeitos sobre a vida compartilhada. Na instituição pesquisada, essa compreensão articula-se à Biofilia e ao tema de 2026, pois as experiências de escrita integram uma proposta que valoriza a conexão com a natureza, o cuidado, a sensibilidade e o pertencimento.

Dentro dos limites desta investigação, não pretendemos generalizar os resultados. Trata-se de um estudo de caso situado, baseado em registros selecionados de um período específico de acompanhamento. A continuidade da pesquisa poderá observar como as escritas são retomadas, modificadas ou mantidas ao longo do tempo e incorporar, sempre que possível, as narrativas das próprias crianças sobre aquilo que escrevem e sobre os espaços que ajudam a construir.

Também será relevante acompanhar como as decisões sobre exposição e uso dos registros são compartilhadas entre crianças e adultos.

Os dados permitem-nos considerar, por fim, que, quando a escrita das crianças é acolhida como linguagem e integrada de forma significativa aos ambientes, ela participa da construção da identidade cotidiana da escola. As crianças não apenas ocupam um espaço planejado pelos adultos: escrevem nele, nomeiam, registram, combinam, lembram e organizam. Em uma instituição que assume a Biofilia como princípio e convida a comunidade a viver “no ritmo da Terra”, reconhecer essas marcas significa também reconhecer as crianças como participantes da construção dos espaços, das relações e dos sentidos que dão vida à escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Penso, 2016.

ERECHIM (Município). Secretaria Municipal de Educação. Documento Orientador do Território Municipal de Erechim: Educação Infantil. Versão 2021. Erechim: SMEd, 2021.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, 2018. v. 1.